



Poder Executivo

**Secretaria Municipal de Meio Ambiente – COMAM**

**ATA DA REUNIÃO EXTRAORDINÁRIA DO DIA 09/06/2022**

Aos nove de junho de dois mil e vinte e dois às quatorze horas, o Conselho Municipal de Meio Ambiente do Município de Belo Horizonte – COMAM, reunido no Espaço de Educação Ambiental da Biofábrica de Predadores Naturais, localizado á Rua Caraça, nº 900, Serra, BH/MG, no pleno exercício das atribuições que lhe são conferidas pela Lei Municipal nº 4.253, de 04 de dezembro de 1985, regulamentada pelo Decreto Municipal nº 5.893, de 16 de março de 1988, na Lei Municipal nº 7.277, de 17 de janeiro de 1997, na Lei Municipal nº 7.166, de 27 de agosto de 1996 e suas alterações no Decreto Municipal n.º 5.362 de 04 de junho de 1986 e no Decreto Municipal 14.292 de 23 de fevereiro de 2011, alterado pelo Decreto Municipal nº 14.368 de 12 de abril de 2011, teve sua Sessão Extraordinária declarada aberta pelo Presidente Mário de Lacerda Werneck Neto, o Presidente Suplente Sérgio Augusto Domingues e dos senhores (as) Conselheiros (as):Clenis de Farias e Silva, locanan Pinheiro de Araújo Moreira, Marcos Tadeu Righi de Souza, Maria Sther Moreira e Ricardo dos Santos Soares com pauta comemorativa sobre as demandas ambientais do município, em virtude do Dia Mundial do Meio Ambiente. O Presidente Mário de Lacerda Werneck Neto abriu a sessão, conforme comunicado no Diário Oficial do Município – DOM de 07 de junho de 2022. O Presidente, após apresentação do Coral da Educação Ambiental, Marcos Viana, Sá, Rodrix & Guarabyra, expressou a emoção de estar em um local sagrado, com boas energias, e prestou homenagens ao Conselheiro Sérgio Augusto e todos os antecessores que lutaram para a manutenção de áreas protegidas como o Parque das Mangabeiras. Agradeceu aos presentes pela participação e a todos os servidores que tornaram possível o encontro, além dos Senhores Conselheiros e Conselheiras que dedicam tempo na análise dos processos para a proteção do bem coletivo. Agradeceu também os técnicos Pedro, Dany, Guilherme e Leonardo por tudo o que têm feito para a Secretaria de Meio Ambiente e aos belo-horizontinos. Em seguida, finalizou os assuntos preliminares parabenizando o Conselheiro Marcos Righi pela ação realizada com a Associação de Moradores e Amigos dos Bairros Luxemburgo, Coração de Jesus e Vila Paris – Amalux, que reuniu 300 crianças para o evento Abraço a Mata do Mosteiro, ocorrido no dia 04/06/2022. Nada mais havendo a tratar, passou a palavra para Dany Amaral, da DGEA/SMMA, que agradeceu a fala do Presidente e devolveu o agradecimento ao lembrar do apoio recebido desde a idealização do projeto Biofábrica de Joaninhas, assim como também do Presidente-Suplente Sérgio Augusto, da Fundação de Parques, pela disponibilização de profissionais qualificados que cuidam da horta e da Biofábrica de muita dedicação. Estendeu os agradecimentos a todos os técnicos que trabalham e trabalharam na Biofábrica, desde os profissionais da SMMA aos estagiários, além do biólogo Wagner da Costa Rezende, falecido durante a pandemia de covid-19, que terá placa de homenagem, em seu nome, na sala de Educação Ambiental do local. Em seguida, a Sra. Sônia Knauer, Gerente de Ações para Sustentabilidade, falou sobre as mudanças climáticas sob enfoque da Serra do Curral. A Sra. Sônia iniciou sua apresentação com um questionamento sobre a dificuldade de convencer a população e os entes públicos a respeito dos eventos ambientais decorrentes do Aquecimento Global. Eventos estes sentidos com intensidade nos últimos 3 anos, como o caso das ondas de calor, as perdas de vidas humanas e materiais geradas pelo excesso de chuvas. Belo Horizonte, como cita, é uma cidade que sai a frente nessas percepções, pois em 2006 criou o Comitê de Mudanças Climáticas e em 2009 foi lançado o primeiro Inventário de Emissão de Gases de Efeito Estufa, atualizado sistematicamente, fazendo com que a Capital Mineira possua a maior série histórica dentre as cidades do Brasil. A Sra. Sônia apresentou os índices da Capital, fazendo diversas comparações sobre como diminuir mais as emissões dos gases de efeito estufa, emissões essas calculadas pela plataforma mineira WayCarbon, reconhecida internacionalmente. Sobre os inventários, Sônia explicou que os dados foram auditados e a Capital recebeu, pelo quarto ano seguido, o Prêmio Capital da Hora do Planeta da World Wide Fund for Nature – WWF, pelo compromisso com as ações de enfrentamento as mudanças climáticas. Sobre o Plano de Redução de Emissões de Gases de Efeito Estufa – PREGEE, mencionou que a atualização deve ser lançada em breve e, mostrando uma prévia do documento, falou sobre as ações concretas da PBH alinhadas com as metas da Conferência das Nações Unidas sobre Mudança do Clima de 2021 – COP26, como o Plano MOVE, a Política de Segurança Alimentar e Nutricional, o Plano de Resíduos Sólidos da SLU, o Plano de Ação Climática, a adoção de lâmpadas de LED nos semáforos e na iluminação pública e as Agroflorestas implantadas pela cidade. Por fim, finalizou a apresentação falando sobre a disseminação de conhecimento que é necessária, preferencialmente pela Imprensa e aliada ao Poder Econômico, para que a população entenda que as mudanças climáticas afetam a vida no longo prazo. Posteriormente, a Sra. Ana Paula Vítor, Engenheira Ambiental e Sanitarista da equipe técnica da SMMA, de posse de todo o conhecimento consolidado na Secretaria de Meio Ambiente pelos diversos licenciamentos e estudos realizados na região, seguiu com a apresentação sobre os potenciais impactos do empreendimento de mineração sobre as águas superficiais e subterrâneas. Relatou o fato de a região

da Serra do Curral ser uma zona aquífera e estar localizada em uma das pontas do Quadrilátero Ferrífero. Comparando e analisando diferentes mapas hipsométricos, a Sra. Ana Paula mostrou onde existe a maior produção de minério é também onde está localizado o Aquífero Cauê, manancial subterrâneo e o Plano B para o abastecimento da cidade de Belo Horizonte e Região Metropolitana, caso ocorram rompimentos de barragens nos municípios vizinhos a Grande BH. A apresentação prosseguiu com a fala da Sra. Daniely Deliberati, técnica da SMMA, sobre os impactos na fauna e flora para a região. Falou a respeito da riqueza dos Biomas e formações da área, principalmente os Campos Rupestres que contêm formas de vida única, que se adaptam e sobrevivem de acordo com as condições do local e, por isso, a recuperação ambiental após a mineração se torna extremamente complicada. Ana Paula também mencionou a variedade de espécies endêmicas, ou seja, existentes apenas na região, como o caso do peixe Cabeva (*Trichomycterus novalimensis*), a Rã *Hylodes uai*, espécies troglomórficas e Orquídeas, como a *Cattleya caulescens* e a existência de espécies ameaçadas de extinção na região, como o caso da Águia-cinzenta, o Lobo-Guará, o pássaro chifre-de-ouro e a Raposa do campo, que dependem exclusivamente do local para sua sobrevivência. Na sequência, o Presidente-Suplente Sérgio Augusto Domingues transmitiu seus conhecimentos sobre os corredores ecológicos, devido a publicação do Decreto 17.986/2022 que instituiu o Corredor Ecológico Espinhaço-Serra do Curral e sua visita a São Paulo para participar da WBio 22, evento internacional sobre biodiversidade. Sérgio Augusto iniciou sua apresentação esclarecendo o equívoco gerado na publicação do Decreto 17.986: de que esse teria sido publicado em reação ao processo de mineração da Tamisa S/A. Sérgio Augusto esclareceu que a criação do corredor ecológico foi um processo natural, iniciado com a compensação ambiental do Hospital Oncomed em 2015/2016, e serviu como meio para interligar o mosaico de unidades de conservação (Mosaico Serra do Espinhaço – Quadrilátero Ferrífero) à Reserva da Biosfera da Serra do Espinhaço. Esse corredor, recém regulamentado, teve sua criação não oficial durante a criação do Plano de Manejo do Parque Municipal das Mangabeiras que incluiu também os Parques da Serra do Curral e Fort Lauderdale foi elaborado de acordo com a metodologia do ICMBio, em substituição a zona de amortecimento exigida pelo Lei do SNUC – Sistema Nacional para as Unidades de Conservação e que também serve de modelo para a criação do Plano de Manejo do Parque Estadual da Baleia. Sobre a definição de corredor ecológico, citou: “O corredor ecológico é um pacto, é um pacto integrativo, é uma agenda de cooperação entre as unidades. Nós não vamos fazer conservação da biodiversidade competindo. Competindo a gente faz mineração, competindo a gente faz um monte de outras coisas, mas agenda ambiental precisa estar impregnada da habilidade de cooperação entre as partes. E a gente vê isso na COP, a gente vê isso na Convenção da Diversidade Biológica, a gente vê isso em todos os cantos. [...] Corredor ecológico instituído legalmente, como este que feito por um decreto, tem uma função de ajudar na conectividade, para ajudar nessas unidades, mas existem programas de conectividade que não necessariamente nós precisamos fazer decreto, nem nada. Às vezes a gente arboriza uma rua e faz outras coisas, então você matou a charada. Corredor ecológico já caiu no Enem. Eu sou professor de biologia há 30 anos, já caiu umas cinco vezes, pelo menos, corredores ecológicos no Enem. Um deles falava do próprio mico-leão-dourado. Nós tínhamos um mico-leão-dourado só no Poço das Antas. Sobrou uma família de mico-leão-dourado, só que essa família começou a cruzar entre si. Cruzar. Cruzar primo com primo, irmão com pai e a consanguinidade gera problemas genéticos. É a mesma coisa, você começa a ter uma homogeneidade... eu acho que depois de nosso amigo vai falar muito melhor sobre isso ele que é veterinário já, mas pensa bem: se você tem uma homogeneidade genética, se todos nós aqui fôssemos geneticamente clones, a doença que mata um, mata todos. Então Darwin sacou muito bem lá atrás: o que fortalece uma população é a variabilidade genética. E aí vem um outro ponto tão importante, que vale para a nossa vida: a diversidade. A diversidade é a coisa mais linda que existe, em todas as suas nuances, seja na genética, seja no nosso modo de pensar, na forma com que nós tratamos o nosso semelhante. Entender o outro como diferente, pelo respeito, é um valor que a humanidade precisa cuidar. Então o corredor ecológico urbano não existe. O corredor ecológico urbano é o primeiro que eu tenho notícia. Minas tem dois corredores: a Mata do Sossego, que fica lá em Caratinga no Muriqui e, agora, o nosso. Então é muito novo isso. Muito novo. Um corredor urbano, ele traz uma coisa tão boa, o quê? A possibilidade de a gente formar as pessoas, de entenderem. Fazer aqui a aula de biologia, o corredor ecológico da Serra do Curral. [...] O corredor ecológico não é uma ação. A nossa ação está na Justiça. Está lá na Justiça. A PGM, Belo Horizonte não foi ouvida, o Mangabeiras nem sequer foi citado. Um erro. Um contorcionismo do licenciamento ambiental. O licenciamento ambiental contorcionista. Vem falar negócio técnico? Aquilo é um contorcionismo para fazer o que tinha que ser feito. Eu não estou aqui querendo falar da Tamisa... o corredor ecológico, gente, está aqui pelo nosso problema. Nós estamos resolvendo a nossa questão, a questão de gestão da biodiversidade e ponto. Agora, sinaliza: ‘Opa, está vendo isso aqui? Não é assim que joga o jogo’. Isso aqui eu coloquei só alguns dos serviços ecossistêmicos que a biodiversidade oferece. Eu nem gosto muito dessa visão utilitarista da natureza, mas cada um tem o seu jeito, não é? Um Carvoeiro vê a floresta aqui do Mangabeiras de um jeito, o Naturalista vê de outro. Está bom, ele é carvoeiro, é legítimo da parte dele. Então são tantos serviços ambientais e esses serviços ambientais eles são fantásticos de a gente estudar. [...] Corredor ecológico são porções de



ecossistemas naturais, ou seminaturais, ligando unidades de conservação que possibilitam entre elas o fluxo genético, o movimento da biota, facilitando a dispersão das espécies, a recolonização das áreas degradadas. Bem como a manutenção das populações, que demandam para sua sobrevivência, áreas com extensão maior do que aquela das unidades individualmente. Aqui nós fotografamos uma onça parda. Aqui, dentro dessa casa aqui. Nós colocamos ali uma armadilha fotográfica e ela foi encontrada aqui. Agora, você acha que uma onça parda consegue sobreviver em um parque só do tamanho do Mangabeiras? Essa onça já foi vista lá no Vale dos Cristais.” Sobre a questão de Saúde e os impactos da mineração, citou: “Se os ecossistemas não estiverem saudáveis, as populações humanas não estarão saudáveis. Os animais não estarão saudáveis. A saúde é única: tudo é interdependente. Não adianta você ter a natureza lá e a gente aqui. A gente, para preservar o Mangabeiras, a gente cercou ele como se nós não fôssemos interdependentes. Esse é um conceito muito importante, nós precisamos aprofundar nossos trabalhos, os nossos conhecimentos, sobre isso que vai gerar muito trabalho. Já está gerando muitas pesquisas e a gente viu: nós estamos lidando com zoonoses o tempo inteiro. Nós temos trabalho sendo feito com os macacos, com os vírus que temos nos macacos, com os vetores de doenças que temos. Se a gente desmatar mais ainda, para onde vai? Para o nosso domicílio. E aí as doenças vão emergindo. [...] É, mais ou menos, isso mesmo. Nós não estamos longe de entender isso. Doenças, problemas sociais... eu dou mais emprego aqui, no Mangabeiras, do que a Empabrá ali do lado. A Empabrá acabou em 30. Nós temos 40 e ainda tem mais 40. E quantas pessoas que vem aqui pelo turismo? Muito mais emprego gerado aqui com o Ecoturismo, com os campineiros, com o Zé Preto e Wilson que estão na horta, com os meninos da Biofábrica, com os vigilantes, com os porteiros, com o vendedor de pipoca, com o vendedor de água de coco. Um tanto de gente empregada aqui. São muitos empregos. Quantas pessoas que a Empabrá tirou aqui do aglomerado da Serra para poder trabalhar na mineração dela? Zero. Todos os nossos vigilantes são do aglomerado da Serra, todos saíram daqui. Então as unidades de conservação têm muito potencial e a gente precisa cuidar disso. A área do corredor é essa aí: 1.187 hectares, com o perímetro de 42. O decreto tem duas páginas e 15 de memorial descritivo”. Finalizou, comentando sobre a polêmica em torno do Jardim Zoológico: “Estou vendo um tanto de gente falando: ‘tem que acabar o Zoológico’. 70% dos nossos animais vêm do tráfico, vem de atropelamento, vem de cativeiro clandestino, vem de maus-tratos. 75% dos bichinhos que estão com a gente. A gente não compra animais; a gente não vende; a gente não vem aqui no Mangabeiras tirar os animais para levar para o Zoológico. As pessoas precisam entender que, hoje, o Zoológico é uma ferramenta poderosíssima para a conservação in situ. Porque nós estamos quase dentro de um zoológico também, não é? Aqui virou um Zoológico porque está fechado. Jardim Botânico não vou nem comentar. É isso. Nós fizemos o corredor, a Reserva da Biosfera assinou, a UNESCO assinou e nós colocamos ele na Convenção para a Diversidade Biológica e isso é histórico. Não fui eu, foi aqui dentro do Comam. Foi o Conselho de Meio Ambiente e os técnicos da Secretaria de Meio Ambiente que fizeram essa maravilha aqui. “E o prefeito Fuad entrou para a história.” Sem mais assuntos a tratar, o Presidente Mário de Lacerda Werneck Neto deu por encerrada a Reunião Extraordinária. A presente ata foi lavrada pela Gerência Executiva do Conselho Municipal de Meio Ambiente e assinada pelos Conselheiros presentes. Belo Horizonte, nove de junho de dois mil e vinte e dois.